

Juventude em Perigo, Criminalidade e Cidadania Negada

*Marcondes Brito da Costa*¹

Resumo: A complexidade das relações estabelecidas pelo tráfico de drogas para com a juventude, seus estigmas para certos grupos sociais, o discurso de demonização de seus partilhantes, principalmente os jovens pobres, além do crescente envolvimento da juventude nessa relação perigosa e mortífera, vem demonstrar a importância urgente de se pensar sobre a questão, seja para desnudar preconceitos ou mesmo, planejar ações de intervenção. Saber quem são esses personagens, como eles constroem teias identitárias é a direção intentada por esse artigo, percurso realizado em trabalho de campo de dissertação de mestrado em andamento. Essa pesquisa foi realizada em vilas e favelas da Região Sul de Teresina, um lugar onde o poder nas conotações elencadas por Foucault (1989), não mina de um lugar para outro numa única linha atravessando os corpos para controlá-los, mas é disputada a todos os momentos por grupos, seja de outros traficantes em busca de aumentar sua influência, ou pela polícia em busca de dinheiro, e também influência, palavra que a cada dia nesse contexto de tráfico de drogas tem sentido mais fluido e passageiro, mas não menos violento autoritário. Desnudar essa relação e apontar como os jovens se constroem nesses espaços de negação é a proposta desse pequeno texto.

Palavras chave: Juventudes, Tráfico de drogas, identidades e políticas públicas.

Resumen: La complejidad de las relaciones establecidas por el tráfico de drogas hacia la juventud, sus estigmas para ciertos grupos sociales, el discurso de demonización de sus partidarios, principalmente los jóvenes pobres, además de la creciente participación de la juventud en esa relación peligrosa y mortífera, viene a demostrar la importancia urgente de pensar sobre la cuestión, sea para desnudar prejuicios o incluso, planificar acciones de intervención. Saber quiénes son esos personajes, como ellos construyen telas identitarias es la dirección intentada por ese artículo, recorrido realizado en trabajo de campo de disertación de maestría en marcha. Esta investigación fue realizada en pueblos y favelas de la Región Sur de Teresina, un lugar donde el poder en las connotaciones enumeradas por Foucault (1989), no mina de un lugar a otro en una sola línea atravesando los cuerpos para controlarlos, pero se disputa en el caso de los narcotrices, en el caso de los traficantes, en busca de aumentar su influencia, o por la policía en busca de dinero, y también influencia, palabra que cada día en ese contexto de tráfico de drogas tiene sentido más fluido y pasajero, pero no menos violento autoritario. Desnudar esa relación y apuntar cómo los jóvenes se construyen en esos espacios de negación es la propuesta de ese pequeño texto.

Palabras clave: Juventudes, Tráfico de drogas, identidades y políticas públicas.

Juventud en Peligro, Criminalidad y Ciudadanía Negada

¹ Cientista Social-UFPI. Mestre em Políticas Públicas-UFPI. Doutorando em Sociologia-UECE, Professor do Instituto Federal do Piauí - IFPI, estuda juventudes, violências, segurança pública e tráfico de drogas. email: marcondes.brito@ifpi.edu.br

Para início de conversa, ou situando o tema

O universo de nossa pesquisa foi o município de Teresina especialmente o espaço onde costumam circular os jovens em situação de tráfico. Três localidades de Teresina, três vilas localizadas na Zona Sul de Teresina, Vila Santa Cruz, Vila São José e o Quilômetro Seis, onde se localizam algumas grandes bocas de fumo da cidade, das quais foram contactados nesta investigação jovens que vivenciam a realidade de tráfico na condição de pequenos traficantes.

Essas três comunidades, respeitando suas singularidades, têm alguns pontos em comum em suas estruturas socioespaciais, como por exemplo, sistema de saneamento mínimo, quando não inexistente, contando apenas com fossas sépticas em algumas casas. As Vilas São José e Santa Cruz foram inseridas no Projeto Vila Bairro², enquanto o Quilômetro Seis a época da pesquisa ainda não tinha sido. Algumas ruas com calçamento precário nas três Vilas, onde com o tempo, parte foi afundando, não havendo manutenção por parte da Prefeitura Municipal de Teresina. O carro do lixo passa apenas na avenida principal das Vilas São José e Santa Cruz e muito longe do Quilômetro Seis, não chegando sequer a entrar na Vila. Nenhuma das três comunidades conta com escola e apenas a Vila Santa Cruz conta com uma pequena creche, porém bares e bocas de fumos se multiplicam esquina a esquina, numa escalada ascendente. Apenas na Vila São José há uma quadra poliesportiva, porém pouco utilizada. Em virtude de se localizar na entrada da Vila, é o local onde comumente há confrontos intensos e contínuos entre os jovens da Vila Santa Cruz e da vila São José, impedindo que o local cumpra sua proposta de lazer. Já o Quilômetro seis é um local que se configura em um buraco, e por ser difícil entrar e sair de lá, só jovens conhecidos entram e saem, pois lá é mais fácil uma emboscada em caso de um desentendimento qualquer, o cheiro de perigo é mais intenso lá.

Não foram poucas as vezes em que, convivendo com os jovens nas incursões de campo ou nos dias de observação direta nas comunidades e em suas bocas, presenciei armas nas comunidades, e algumas incomuns, de grosso calibre, outras brancas como facas, punhais ou outras armas, que já faziam parte da vida dos jovens de forma tão intensa que já se

² De acordo com a prefeitura de Teresina o Projeto Vila-Bairro tem sua origem numa formulação realizada pela Prefeitura de Teresina, em janeiro de 1997, que ao longo dos anos vem estabelecendo uma clara prioridade aos investimentos em infra-estrutura social, por vezes concentrando ou desconcentrando esforços nas ações voltadas para as áreas periféricas. Com isso acumulou experiência e segurança no trato da questão. Acessível em : http://www.teresina.pi.gov.br:8080/semplan/acoes_vilabairro.asp, em 24 de maio de 2010.

transfiguravam quase em extensão dos seus corpos. Como percebi certa vez, depois de marcar por duas vezes consecutivas com um jovem que seria um dos entrevistados e ele não retornar as ligações. Até aí tudo normal porque ele sempre fazia isso, até mesmo para preservar seu anonimato, mas também não respondia a meus recados enviados por outros jovens das comunidades solicitando um contato ou uma possibilidade de contato. Então, inundando de preocupação com ele, com o trabalho e com a pesquisa resolvi ir ao seu encontro na Vila São José. Chegando lá, como sempre fazia em minhas incursões de campo, passei na casa de um dos contatos estabelecidos na Vila e soube que se estava por desenrolar no local um enfrentamento entre rivais, uma das nuances desse emaranhado que também tem servido de base para a construção do que Zaluar (2004) vai chamar de *ethos* guerreiro. Havia três dias a Vila estava em situação de conflito com outras vilas vizinhas das quais mantém conflito, e que por ocasião da morte de um dos jovens da Vila São José, como de praxe, era uma questão de honra territorial da galera, matar um jovem de uma dessas duas Vilas rivais. Então, a incursão de jovens armados nos ambientes era constante, bem como a freqüente troca de tiros, que estava a vitimizar jovens envolvidos com o confronto e também jovens que não possuíam envolvimento algum com o conflito. Resolvi seguir o aviso de perigo e retornar à casa para refletir e pensar uma estratégia de ação ou, tentar contato em outras comunidades. Voltei na semana seguinte à Vila e a situação ainda continuava conflituosa e de perigo, porém, mesmo contrariando um segundo aviso, resolvi atravessar a Vila a ir a outra em busca de João³, que mais tarde se tornaria um dos entrevistados:

Chegando a sua casa, o clima ainda estava muito tenso, olhos atentos, cabeça em movimento de um lado para outro, fui convidado a entrar. Ao adentrar percebo uma arma carregada de balas em sua mão esquerda e outra em cima do sofá onde estava sentado. E só de vez em quando se levantava, ia até a janela com a arma em punho, olhava de um lado para outro, depois voltava e sentava. Fazia isso sempre que ouvia um barulho um pouco fora da rotina. Mesmo com muito medo tentei não demonstrar. Conversamos um pouco, ele me relatou historia parecida a que ouvi na Vila São José e sua noite de “sentinela do gueto”. Fui ficando menos nervoso com o tempo, tomei um pouco de café, conversamos um pouco e remarcamos para terça pela manhã, para a tentativa de entrevista. (DIARIO DE CAMPO, 26 set .2009)

Demarquei aqui ao trabalhar com a categoria “tráfico de drogas” para me referir às relações que envolvem a disponibilização mercantil e ilícita de crack e maconha, e em menor

³ Nome fictício de um dos jovens traficantes que entrevistei durante minha pesquisa de mestrado e que me apresentou a outros jovens, depois de perceber que eu não representava perigo a ele e nem a sua dinâmica comercial.

percentual, de cocaína que tem cedido cada vez mais espaço ao crack, que tem crescido ultimamente de forma colossal em Teresina. Por mais óbvia que possa parecer, tal construção faz-se absolutamente necessária para deixar claro que não se pretende transitar pelas relações que envolvem drogas como tabaco e álcool, que apesar de também serem bastante consumidas, engendram, devido a sua licitude, relações específicas que exigem investigações próprias e não podem e nem devem ensejar abordagem e nem políticas de intervenção da mesma natureza.

Levando em consideração esse conjunto de dinâmicas em que a pesquisa foi realizada, penso que as suas reflexões são feitas no sentido de desvelar máscaras discursivas, desnudar visões que criam estigmas e direcionam políticas setoriais que partem na sua maioria de visões unívocas de fatos complexos, que diferentemente, tem várias dinâmicas e sistemáticas de construções, e mostrar outras formas que permitam muito mais compreender do que julgar.

O drama da vida é o palco do pesquisador e a gravidade da trama sua aflição. Ele precisa levantar dados, constatar situações, discutir conceitos, refletir cientificamente, propor estratégias, rever idéias, duvidar das afirmações, recomeçar o que não foi bem feito, dimensionando-se cada instante, tendo sempre em mente que os cidadãos para os quais pretende reverter seu esforço apresentam demandas imediatas, cujo trâmite e ritmo diferem do de seus estudos.

Juventude em perigo: o tráfico de drogas invade a cena

A categoria juventude assume na contemporaneidade dimensões fluidas e híbridas, de caráter fragmentado, instável, calcados em outros territórios, não apenas territórios sólidos, mas também territórios fluidos, incertos, reterritorializados por motivos de segurança, sociabilidades, conflitos e rotas de fugas e de encontros, construídas pelos jovens e percebidas durante a pesquisa de campo realizada de maio de 2009 a fevereiro de 2010, na busca incessante dessa realidade que cerca os jovens e com eles estabelece um canal de diálogo semiológico. Possibilidades de confronto de diferenças, significações e representações: foi esse conjunto diverso de construções que me permitiu partilhar durante a pesquisa de campo, para tentar me situar e aos jovens nesse emaranhando de possibilidades que se denomina pós-modernidade ou mesmo hipermodernidade.

Silva (2007, pág.144) nos traz um bom aporte para compreender o processo de construções de juventudes quando nos diz que:

[...] “juventude” não está dada, mas só ganha existência concreta no estreito e imediato diálogo com a realidade que a cerca e segundo, **que múltiplas juventudes povoam os cenários das sociedades contemporâneas** (SILVA, 2006). Portanto a tarefa de compreender **as juventudes** impõe aos estudiosos o abandono de matrizes teóricas fechadas e a adoção de posturas receptivas ao diálogo com referências diversas que, articuladas, potencializem o propósito de entendimento substancial das mesmas.” (grifos da autora)

Bauman (2007) ao nos falar de como a vida se processa nesse período que ora denominamos de pós-modernidade, afirma ter a vida se transformado em vida agorística, em que com a perda das tradições, os projetos de futuro se fragilizam, como também Silva (2006) se posiciona ao demonstrar em sua tese de doutorado que “os postulados orientadores das práticas e vidas nas sociedades modernas estão em desagregação. Mostram-se insuficientes para gerar as respostas que buscamos, a clareza de procedimentos e a segurança do que esperar em relação ao que se experimenta”.

O mundo moderno não produziu uma única possibilidade de compreensão de identidade juvenil, mas uma diversidade de sentimentos, de posturas, de formas de ser jovem. O que cabe aqui interrogar é sobre o lugar das outras juventudes produzidas socialmente, isso implica na necessidade de refletir sobre o lugar dos jovens a quem resta sobreviver na diferença, ao contrário do sentido naturalizado do que seja experimentar a juventude.

Nesse desenho de crise acima descrito, onde a constituição das identidades juvenis manifesta-se nessa relação de incerteza e, onde interpelados pelo mercado e intermediados pelo consumo massivo e instantâneo, os jovens são sorvidos pela vida agorística como a descrita por Bauman (2007), ao dizer que

[...] na vida “agorista” dos cidadãos da era do consumista o motivo da pressa é, em parte, o impulso de *adquirir e juntar*. Mas o motivo mais premente que torna a pressa de fato imperativa é a necessidade de *descartar e substituir*. Estar sobrecarregado com uma bagagem pesada que se hesita em abandonar por apego sentimental ou um imprudente juramento de lealdade, reduziria a zero as chances de sucesso (pág.50, grifos do autor)

Bauman (2007) em suas análises avalia que essa transformação das relações e das coisas em mercadoria e os canais subjetivos de apelo ao ingresso de todos nesses circuitos, como sendo a única possibilidade de humanização, é uma *economia do engano* (grifos do autor), *pois*, aposta na *irracionalidade* dos consumidores; ao estimular emoções consumistas

e não estimular a razão. Continua avaliando que a sociedade de consumo só consegue prosperar por sua capacidade de tornar perpétua a não satisfação de seus membros.

No caso dos jovens em situação de tráfico de drogas em Teresina, que também estão inseridos nesse espaço onde a cidadania é mercadoria, representada por um vestir, um falar e um ter dinheiro para acessar aos códigos semiológicos de inserção nesse mundo. Mas também, o estigma a eles atribuído pelo sistema midiático escrito e televisivo, e pela polícia e muitas vezes o Estado, que não acredita que eles possam ter um comportamento diferente do que o de jovens violentos, criminosos, que devem ser contidos a todo o momento e sobre os quais qualquer tipo de violência, não só é consentido e defendido, mas necessário e justificável, inclusive a morte e as torturas cotidianas, que ninguém sequer busca saber se ocorrem ou não, e em caso de ocorrerem ninguém buscar investigar e sanar, como seria de praxe numa democracia que prioriza a dignidade da pessoa humana. A violência cotidiana a que são submetidos pela polícia e por outros grupos em disputa pelos pontos de venda de tráfico, e também a violência a que submetem suas comunidades em muitos momentos e seus rivais quando lhes convém.

Contribuindo com essa discussão, Zaluar (2008) afirma que as visões conservadoras e unilaterais sobre o universo do tráfico, imbuídas de preconceitos e estigmas, vigoram e são disseminadas pela mídia cotidianamente e contrariá-la, embora pareça ser o mais politicamente correto, não gera votos. Um segundo problema se dá na construção e divulgação massiva de sentidos sobre as juventudes, e especificamente sobre as juventudes pobres, aquelas que estão fora dos processos de subjetivação e absorção pelo mercado de trabalho convencional, fortalecendo os mitos que os circundam, relativos à periculosidade, violências e marginalidades.

Entendendo o mundo do tráfico como um mundo complexo, permeado de micro-relações de poder voláteis e específicas, que podem durar anos ou mesmo acabar da noite para o dia com a tomada da **boca de fumo**⁴, por outra **boca inimiga** (ponto rival em geral, que luta pela hegemonia da venda de drogas na região). Um lugar onde o sistema legal oficial é muito deficiente e uma das poucas formas de acesso à justiça é através do direito penal, via aplicação de alguma sanção ou das expressões de violência policial. A pouca participação do Estado e a ausência de possibilidades de organização da vida estimula o surgimento de outras

⁴ Boca de fumo, local onde a droga que vem de outros estados é estocada, dividida para a venda local ou embalada e distribuída para outras bocas de fumo. Local de micro relações de poder (Foucault, 1997) importante para as construções das identidades em questão.

formas de manutenção da ordem e controle, além de assistencialismo dos traficantes com suas leis específicas, às quais todos estão submetidos, sejam os que moram lá, sejam os que lá estão ou passam por qualquer motivo.

É refletindo sobre o contexto acima exposto, que Soares (2000) destaca as conseqüências do comércio de drogas para as comunidades pobres do Estado do Rio de Janeiro, que não tem sido muito diferentes das enfrentadas aqui também em nossos bairros e vilas de Teresina. A partir de dados empíricos e observação participativa, o autor afirma que:

o tráfico provoca um assustador número de mortes, dos homicídios dolosos que ocorreram em 1992 na “cidade do Rio de Janeiro, cerca de 65 % apresentavam alguma vinculação, direta ou indireta, com o tráfico de drogas”, ocorre um processo de desorganização da vida associativa e política das comunidades, uma vez que o domínio criminoso na favela manifesta-se no controle, direto ou indireto, sobre as organizações civis locais. As comunidades passam a ser subordinadas pelos criminosos que lidam com o comércio de drogas; a pobreza e os pobres são estigmatizados, porque os bairros populares são vistos como fontes do mal pelos indivíduos que não moram nesses ambientes; o tráfico é fonte de outras atividades criminosas, como o tráfico de armas (SOARES, 2000, pág. 267- 273, grifos do autor).

Uma das lógicas trazidas pelo tráfico também do ponto de vista subjetivo, a de auto-afirmação dos sujeitos pela violência, aliada ao enfraquecimento do *ethos* do trabalho e da moralidade, tem ganhado cada vez mais força. O universo consumista de produção de identidades faz do crime uma forma de auto-afirmação e subjetivação de realidade pelo consumo. Para enfatizar a questão, Zaluar diz que:

O próprio funcionamento ineficiente e iníquo do sistema de justiça no Brasil certamente teve um papel crucial no modo como a crise da moralidade, o enfraquecimento do *ethos* do trabalho, a importância cada vez maior do lazer e do prazer de gastar na sociedade de consumo, bem como as novas organizações transnacionais, inclusive as criminais, vieram a se concretizar neste país. (1998, pág.304)

A complexidade das relações estabelecidas pelo tráfico de drogas, seus estigmas para certos grupos sociais, o discurso de demonização de seus partilhantes, principalmente os jovens, me chamaram a atenção para essa pesquisa, além do crescente envolvimento da juventude brasileira e nela, a teresinense, nessa relação perigosa e muitas vezes mortífera. Saber quem são esses personagens, como elas se constroem e constroem as teias identitárias, foi a direção intentada por essa pesquisa.

O mundo capitalista contém uma tensão imanente. Impõe sua univocidade essencial, seu discurso universal, como uma verdade incontestada. A concorrência é a tônica. Ao mesmo tempo, como um contrafato, promete que aquele que passar pelo “buraco da agulha”, alcançará a plenitude, que ganha o nome de sucesso, na linguagem que coloca a economia como centro do diálogo com o mundo e o consumo como canal de intercomunicação.

O processo mudou de estratégia. A coerção não é mais direta e autoritária, ao menos nos grandes centros urbanos. A lógica permanece a mesma, mas o modo de ação transformou-se na sedução da inclusão no jogo finito da economia, o jogo cuja competitividade continua sendo excludente e mediocrizante. A fluidez do processo incorpora ao seu núcleo aglutinador – como parece ser uma constante na habilidosa estratégia do capital em trazer para si as mais diversas manifestações, mesmo as contrárias ao sentido do jogo capitalista – tudo o que pode: da contracultura aos batuques do samba, do chique ao brega, do profano ao sagrado tudo se transforma em fichas para apostas no pano verde onde se disputa a vitória econômica: o acúmulo de capital. Nada pode ficar de fora, e quando isso ocorre é porque precisa ser reprimido para se tornar marginal e, assim, encontrar o seu próprio público. Isso inclui as drogas ilícitas, por exemplo, que se constituem num elemento inegável de inserção na economia capitalista entre as classes populares – os mercados clandestinos, afinal, sempre tiveram o seu espaço no jogo econômico – fazendo circular dinheiro entre os negociantes desse produto, os chamados traficantes, **vapores**⁵ e olheiros. É esse jogo que fomenta as quadrilhas, mas, ao que tudo indica, também enriquece gente que não mora nas favelas e periferias, gente do **asfalto**⁶, aqui em Teresina, presente na zona leste, que quase nunca morrerá em disputas e que, de tão invisíveis, quase chegam a desaparecer no contexto do tráfico. Esses personagens, essa gente do asfalto, são os grandes empresários do tráfico de drogas no Brasil, aqueles que controlam os grandes cartéis, com influência nas instâncias de poder.

Bauman ilustrando isso nos diz que :

A “sociedade de Consumidores”, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia de existência consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura do consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos,

⁵ Aquele que pega a droga nas favelas e distribui, ou leva para outras localidades em pequenas quantidades.

⁶ Gíria utilizada pelos moradores das periferias do Rio de Janeiro e de São Paulo, comumente para expressar o que se opõem aos morros e favelas, absorvida também pelos *rappers* para fazer a oposição entre a favela e a burguesia, sendo essa representada pelo asfalto.

a única escolha aprovada de maneira incondicional. Uma escolha viável e, portanto, plausível - e uma condição de afiliação. (2007, p.71. Grifos do autor)

Desse ponto de vista, que identidades se manifestam como possíveis no campo de contradições entre uma prática excludente com relação às juventudes, que não reconhecem suas potencialidades de ocupação dos espaços ou de outras construções? Práticas destrutivas para a juventude, mas se não forem analisadas nem sequer podem ser compreendidas. Há um discurso dos direitos que sustenta as ações dirigidas à infância, à adolescência e à juventude, porém, a compreensão que anima os programas públicos acerca desses segmentos é a de que são incompletos e incapazes de se guiarem por sua própria lógica, devem, portanto, ser contidos e agenciados para poderem ser monitorados, controlados, docilizados.

Assim, compreendendo a questão a partir da contribuição desses autores entendo que o processo de formação das identidades dos indivíduos é histórico e cultural, se efetiva pela existência de inúmeros contextos e práticas discursivas que delineiam diferentes posições e papéis sociais *atribuídos aos* e *assumidos pelos* sujeitos. No processo interativo, o significado da ação somente pode ser apreendido e compartilhado quando a ação/papel recíproca (o) é considerada (o). Papéis e contra-papéis são reciprocamente assumidos, atribuídos, negociados, confrontados ou modificados. Na dinâmica de coordenação de papéis, são configuradas delimitações e possibilidades de posicionamentos aos participantes. Essas possibilidades, por se constituírem pela diversidade e, inclusive, contraditoriedade, permitem a emergência de resistências, tanto em relação aos discursos e práticas hegemônicas, quanto em relação às suas mudanças, podendo então favorecer continuidades ou transformações no decorrer da vida da pessoa.

Além disso, há uma característica básica dos tempos modernos, a banalização da situação de miséria, que transforma os marginalizados em fenômeno natural, sendo explorados pela mídia sob a marca do espetáculo. O Brasil torna-se notícia quando chacina seus meninos de rua, quando incendeia pessoas que dormem nos bancos das praças. As favelas do Rio de Janeiro e a vila Irmão Dulce em Teresina, tornaram-se locais de intercâmbio e de passeios turísticos obrigatórios, fazem parte de clips de Michael Jackson e dos intercâmbios com países da Europa, porém, cristalizados como um cenário de clip ou filme e não uma realidade crua, experienciada por cada um de seus moradores, muitos deles, jovens. Transformada em paisagem, a pobreza é trivializada e banalizada, dado com o qual se convive – com certo desconforto, é verdade – mas que não interpela responsabilidades individuais e coletivas. (Telles, 1999). Dia após dia repetem-se acontecimentos

discriminadoramente fatais em pleno sistema democrático, sem que a sociedade ou o Estado construa, ou pelo menos pontue alternativas de enfrentamento de natureza plural, humana e democrática. A mídia noticia, extrapola, repercute, requebra e esquece em poucos dias; os parentes e amigos guardam para sempre sua dor; os desejosos da repressão exultam, chegando a abandonar o pressuposto efeito reativo/protetivo e a sussurrar uma ação profilática, num processo que muito se assemelha ao das guerras civis africanas e à limpeza étnica nos Bálcãs que, por sinal, também se servem do argumento de estarem defendendo a “segurança da população”.

Decerto, pelo menos enquanto estigmatizados, os jovens em situação de tráfico passam por esse processo de invisibilidade, a ocultação e anulação de sujeitos, porém, dentro do ambiente de construções capitalistas não exclui a construção de formas outras de sociabilidades, construção de identidades ou de resistência ao processo de anulação dessas juventudes, como nos mostra Passetti em seu trabalho sobre as sociabilidades autoritárias:

São jovens violentados que reproduzirão essa situação, encontrando num outro sujeito o seu objeto substitutivo, afirmando a continuidade da sociabilidade autoritária e a tradução jurídica da soberania. São como crianças violentadas, e não como vitimizadas, que elas devem ser entendidas na reprodução da sociabilidade autoritária das famílias, onde algumas são socialmente aceitas e outras estão à mercê de interações estaduais. (1995, pág.15)

Que tipo de cidadania lhes resta ?

Estigmatizados como portadores da violência, sofrem com as constantes e abusivas revistas policiais e com as ameaças constantes das instituições repressivas do Estado, além de um discurso midiático que cobra do estado agir nessas “zonas do crime” em nome de uma pretensa “ordem”, onde vivem muitos desses jovens. Não se trata de alarmismo, mas sim da constatação que as dissemelhanças entre jovens de classes diferentes possuem aspectos delicados e conflituosos que podem encaminhar-se para a confrontação, onde já se sabe quem será o vitimizado nesse confronto, por ser pelo menos num primeiro momento quem conta com menos possibilidades de defesa.

Como dito, essa sociedade declina da adoção de elasticidade suficiente para incorporar a pluralidade de modos de viver juvenis. Os adultos não confiam nos jovens, forçando-os a seguir leis e normas em que eles mesmos não acreditam, e não lhes oferecem, em seu ambiente de convivência, espaço e liberdade para manifestarem suas reações que, se fossem

compreendidas e encorajadas, não precisariam atingir o status de posturas anti-sociais. Essas reações vêm como um grito do jovem que não consegue se adequar à forma que a sociedade lhe impõe. Ao resistir de várias maneiras, algumas compreendidas, outras repreendidas severamente, os jovens produzem a desejada justificativa para a implementação da apreensão e repreensão que a sociedade do controle adota para punir e tornar invisível os desviantes.

Essa realidade é cunhada dentro de um contexto de relações sociais fragmentadas, em que um determinado grupo social, com poucas oportunidades institucionais de construções subjetivas, e nesse contexto específico, os jovens que traficam drogas têm sido vítimas de um discurso criminalizante oferecido pela mídia, que ora os coloca como únicos vilões de um processo complexo de violências, ora os envia em tempo real interpelações imagéticas de consumo.

Cria-se nesse sentido para com esses jovens, lógica do encarceramento parece vir junto com a negação de direitos de qualquer natureza, somente reforçando a lógica do encarceramento pelo encarceramento, pela qual tudo se justifica quando se tem por limite a proteção da sociedade, ou pelo menos, o que se supõe ser a proteção dessa sociedade.

Essa lógica do encarceramento pelo encarceramento, também é fruto de uma visão essencialista que entende a violência como resultado da ação de elementos perigosos e só se controla ou imobiliza as ações desses sujeitos. No caso de Teresina, os jovens traficantes ou jovens envolvidos com delitos de natureza grave, o encaminhamento para a solução da violência se torna uma consequência. Assim se o tráfico avança realmente e também, devido à falta de autoridade por parte desse ou daquele governante.

Além desses jovens do tráfico de drogas que são os únicos visíveis e por isso mesmo únicos penalizáveis, Zaluar (1994a; 1994b; 2004) corroborando Soares (2000) no concernente à existência e dinâmicas da corrupção estatal, mais especificamente nas instituições policiais. Para ambos os autores, as instituições estatais, por meio de seus integrantes, são facilitadoras do tráfico de drogas em alguns momentos. As opiniões similares desses pesquisadores não se restringem a esse ponto. Zaluar (2004) faz menção à lavagem de dinheiro quando afirma que a investigação sobre o tráfico de drogas não tem seguido o caminho do dinheiro, ninguém sabe, por exemplo, onde os muitos milhões já arrecadados no tráfico de drogas no Brasil [...] foram parar (ZALUAR, 1998, pág. 96); ou quando diz que a atividade do tráfico de drogas é altamente rentosa no atacado, onde empresários, fazendeiros, negociantes e banqueiros com vínculos transnacionais comandam o investimento, a produção, a comercialização e a lavagem de dinheiro (ZALUAR, 2004, pág. 59). Nessa última passagem, a autora traz à luz os

grandes financiadores do tráfico. É necessário, pois, entender que as análises não podem se centrar unicamente nesses jovens como se eles estivessem dissociados ou agindo por si só, ou seja, por uma análise criminalizante de parte da cadeia produtiva do tráfico, não por coincidência o elo mais exposto e mais frágil – os jovens empobrecidos.

Esses segmentos juvenis, cada dia mais presentes na cidade estudada, normalmente elaboram um tipo de intervenção no cotidiano social buscando colocar-se, destacar sua presença como sujeitos ativos nos contextos em que vivem. Fazem-no com incursões fartas pelas realidades construídas a partir de relações sociais a eles disponíveis nos ambientes que partilham, marcados pelo abandono, desproteção, dificuldades familiares, violência, carência alimentar, de trabalho, de educação, etc. Para o interesse desta pesquisa serão abordadas especificamente três vilas da Zona Sul de Teresina: Vilas São José, Vila Santa Cruz e Quilômetro Seis, conforme mapas abaixo, por serem muitas vezes noticiadas na televisão como *locus* de grandes apreensões de entorpecentes envolvendo jovens em Teresina. O propósito maior é procurar compreender como, através de vários canais discursivos, os jovens constroem suas identidades. Dessa perspectiva poderei estabelecer canais de diálogo e ações que não estejam circunscritos à lógica da punição, do controle e da vitimização dos jovens

Breves considerações em torno de uma cidadania em frangalhos, ou apenas uma conclusão

A fala desses jovens da pesquisa colhida nas entrevistas e em nossas observações de campo, infelizmente, empresta viço a essas análises, narrando, sem subterfúgios, a forma e os momentos em que a sociedade, seguida e continuamente, negou-lhes chances, fechou-lhes portas, obstou os caminhos e encurtou seus horizontes. É muito cômodo criticar seu envolvimento e esbravejar rígidas punições sem indagar qual, como e porque uma sociedade exclui, negligencia, vilipendia e acua seus integrantes de tal forma que eles passam a encarar uma atividade criminosa como possibilidade de melhoria de suas condições de vida.

Comprar aquilo que necessitam. Ir a uma loja de roupas em um shopping center, escolher as peças que mais lhe agradam, experimentá-las e adquiri-las é tão importante e gratificante para esses jovens, que também justificam o risco que correm no tráfico, esse novo modelo de cidadania capitalizada e mercantil que atribui valores a aparência e por ela em muitos titula e empresta a noção e os dotes de cidadania tem também gerado esses produtos.

Uma característica distintiva de uma sociedade que diariamente bombardeia-nos com sua lógica mercantil: vista a roupa A para ficar mais bonito e ter sucesso profissional; beba refrigerante B para conquistar a garota que você deseja; use a vitamina C para ter uma vida saudável; dirija o carro D para ter uma vida com mais adrenalina.

A linguagem, direta e nada subliminar, abusa do uso de verbos que apesar de distintos encontram seu equivalente em outro: consumir. Mais que isso, a mercadoria a ser consumida (comprada, contratada ou alugada) é sempre de melhor qualidade que o serviço análogo prestado pelo poder público: escola, hospital, planos de saúde, moradia, serviços de luz, água. Vivemos a precarização intencional ou não do público colocando como únicas possibilidades o privado, o pago e o que se detém a compra. O tráfico e o dinheiro dele advindo despontam para estes jovens como meio de satisfazer necessidades socialmente construídas.

Os valores tradicionais vinculados à família, à religião e ao trabalho, instrumentos de controle social da classe hegemônica no decorrer deste século, começam a perder o poder diante das novas leis de mercado, do fetiche da mercadoria, do aumento das desigualdades sociais e do desejo de consumir destes jovens, aliado à falta de perspectivas.

Porém essa dinâmica possibilitada pelo tráfico traz muitas conseqüências para as vidas dos jovens, entre elas, procura manter estas pessoas sob o seu controle. As festas por ele patrocinadas, a distribuição de remédio, comida e até eletrodomésticos são estratégias para criar uma relação que aparentemente pode ser considerada como amigável, perde seu disfarce quando se percebe que o vínculo prevê a obediência cega e castigo severo para aqueles que não o seguem.

A associação ideológica entre pobreza e criminalidade, que já existia de longa data, é reforçada na medida em que suas vítimas deixam de ser somente os moradores das “áreas perigosas” e passam a afrontar os corpos e a segurança da rotina da classe média e da elite (Misse, 1997). A percepção corrente era de que o acirramento das desigualdades sociais desencadeara um surto de violência por parte das classes menos favorecidas. Criam-se, então, instrumentos de disseminação da violência como forma de regulação entre classes sociais: os pobres seriam algozes e os ricos, as vítimas.

Estes jovens estigmatizados como “marginais”, devido unicamente a sua condição econômica e social, têm um caminho praticamente definido dentro da sociedade, caindo numa rotina de desamparo, humilhações e necessidade de sobrevivência que muitas vezes os empurra para o caminho do ato infracional. O Estado, ao invés de garantir suas condições mínimas de desenvolvimento, oferece-lhes o tratamento de marginais adultos, que “de

delegacia em delegacia terminam nas mãos dos policiais, justiceiros e psicopatas, prontos a fazer justiça por conta e risco” (CLAVES, 1991).

Os jovens envolvidos pelo tráfico de drogas fazem parte da sociedade e sua participação não os transforma em “Inimigos”, nem os afasta dos problemas que a população convive. Pelo contrário: acrescenta vários outros. A escolha pelo envolvimento naquela atividade parece revelar uma atitude imiscuída de fuga e procura afastamento dos problemas e aproximação da satisfação de seus anseios, sinergia de sensações, sentimentos e ações. Busca de alguma possibilidade de subjetivação, de intervenção potente – comum a qualquer ser humano. A diferença se faz naquilo que está posto no campo identitário para cada um. A realidade evidencia que, nesse aspecto, a mídia já fez sua escolha sobre como, ou de e junto a quem deseja edificar ou destruir.

Nesse sentido, para os jovens em situação de tráfico de drogas, as oportunidades de trabalho são brutalmente reduzidas, demonstrando que o esforço dos jovens para prosseguir em seu estudo ou conseguir uma atividade laboral digna foi-lhes de pouca valia, uma vez que a consecução destes objetivos está, em larga medida, influenciada por um contexto sócio-político do qual eles sequer sabem como participar desse mundo que lhes cobra a todos os momentos definições das mais diversas possíveis. No entanto, é importante destacar que foi somente ao descrever suas passagens e experiências no tráfico, que os adolescentes afirmaram que conseguiram saciar alguns de seus anseios de poder, consumo e *status* (que são semelhantes aos de qualquer adolescente das classes médias e altas), além de realmente acreditar que de suas ações dependia se não o futuro daquela mega-atividade ilícita, pelo menos o da “boca” em que atuavam.

O tráfico tem aparecido para esses jovens como uma triste realização dessa lógica que transforma as pessoas em humanos pelo consumo via trabalho, utilizando em muitos casos suas denominações, como patrão, soldados e outras terminologias para falar da “empresa”, com o que tem de mais avassalador e degradante nas relações trabalhistas como, por exemplo, precarização das condições de vida desses jovens, ocasionada por longas jornadas sem dormir, em turnos estressantes, se drogando em muitos momentos para poderem ficar acordados, pois dormir nesses turnos se torna um risco de vida eminente, o risco de morte de estarem dormindo e serem assassinados a qualquer momento. Essa tensão eminente na vida dos jovens, além de propiciar a criação de uma rotina estressante, traz também a possibilidade cada vez mais latente de problemas cardíacos e neurológicos, além da criação de uma desconfiança que impossibilita a construção de qualquer laço de confiança com seus pares,

estabelecendo uma identidade de “caça - caçador”, onde todo mundo é um inimigo potencial e ou é exterminado ou me extermina.

Sob tensão constante, pelo perigo material e simbólico a que estão expostos cotidianamente, vivem rotina diária estressante, arriscando-se a cada momento, risco de morte, risco de matar; dormindo muito pouco; alimentando-se mal; consumindo drogas em larga escala para se manterem acordados e corajosos, negligenciando as implicações que este ritmo de vida causa a sua saúde, os jovens são candidatos potenciais a contrair problemas de saúde, tanto físicos como mentais. É verdade que dificilmente eles poderão prevenir-se e que provavelmente só tomarão conhecimento deles se forem apreendidos/presos e passarem por algum exame médico, coisa muito rara nos presídios e delegacias do Brasil e também do Piauí, ou quando algum sintoma revelar-se de forma mais aguda e crítica. No entanto, o mais grave é que uma grande parcela deles pode morrer antes mesmo que estes sinais se manifestem, se tiver tempo para que isso ocorra, pois o sistema funciona numa lógica da punição e do estigma e não da prevenção, a questão de juventude em situação de tráfico em Teresina, como também no Brasil a fora, tem se caracterizado como uma questão de polícia e não uma questão de saúde pública, como também poderia pelo menos ser analisada.

As falas dos jovens revelam uma dura e triste realidade, em que a força de interpelação exercida pelo mercado somado às posições e tomadas de posição que a vida lhes solicita nesse período incerto de juventude e mais a desassistência da escola, de suas famílias, e de outras instâncias de ancoramento tem empurrado e com uma força cada vez maior esses jovens para o caminho do tráfico de drogas, e o que vem aparecendo para alguns jovens como um caminho cada vez mais naturalizado.

Referências

ADAD, Shara Jane H. Costa. **Jovens e Educadores de Rua: Itinerários que se cruzam pelas ruas de Teresina**. Fortaleza, 2004. 243 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

CLAVES Centro Latino-Americano de Estudos Sobre Violência e Saúde, 1998. **Avaliação do Programa de Redução de Drogas Injetáveis (PRD) do Ministério da Saúde**. Rio de Janeiro.

MISSE, Michel, 1997. Cidadania e Criminalização no Brasil: O Problema da Contabilidade Oficial do Crime. In: **O Crime Violento no Rio: Um Exame Preliminar das Fontes**. Série Iniciação científica nº 8. UFRJ. Rio de Janeiro.

_____, **CRIME E VIOLENCIA NO BRASIL COMTEMPORANEO**: estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro. Editora Lumen Juris. 2006.

PASSETTI, Edson. **Violentados**: Crianças, adolescentes e a justiça. 1ª Ed., São Paulo: Editora Imaginário, 1999.

SILVA, Valéria. Juventude(s): Considerações Teóricas Sobre Materialidades em Transição. IN. **Serviço Social e Contemporaneidade**: Revista do Departamento de Serviço Social/Universidade Federal do Piauí. Ano5, N.5, (2007). Teresina: EDUFPI, 2007; 223p.

SILVA, Valéria. Constituição identitária Juvenil: o excesso como produto/resposta ao não-lugar, à efemeridade e à fluidez. **Política & Sociedade**. Revista de Sociologia Política. Programa de Pós-graduação em Sociologia Política. Florianópolis: UFSC: Cidade Futura. Abril de 2006. Vol. 05. Nº 08. P. 123-157.

SILVA, Valéria. **IDENTIDADE JUVENIL NA MODERNIDADE BRASILEIRA**: sobre o constituir-se entre tempos, espaços e possibilidades múltiplas. 2006.422f. Tese de doutorado em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SOARES, Luiz Eduardo. **Meu casaco de general**: Quinhentos dias no front da segurança pública do Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TELLES, Vera da Silva. **Direitos sociais**: afinal do que se trata? Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

ZALUAR, Alba. "Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil". IN: SCHWARCZ, Lilia M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. Contrastes da intimidade contemporânea. Vol. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. **Integração perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2004.

_____. (Org) **Drogas e cidadania**: Repressão ou Redução de Riscos. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

_____. **Exclusão e políticas políticas**: Dilemas teóricos e alternativas políticas. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. Out 1997. Vol. 12, n.35. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-9091997000300003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acessado em: 20/11/ 2009.

Recebido em: 08 de maio de 2019.

Aprovado em: 07 de junho de 2019.